

# COLECTÂNEA DE POESIA MOÇAMBICANA EDITADA NA RDA

Uma colectânea de poesia moçambicana foi editada na República Democrática Alemã, reunindo alguns dos mais consagrados valores da literatura moçambicana.

O livro que tem por título «GEDICHTE AUS MOÇAMBIQUE» é acompanhado por um estudo sobre o panorama literário moçambicano e pela apresentação dos autores escolhidos. Enfermando de um critério discutível sobre quem pode ser considerado poeta

moçambicano, a colectânea inclui alguns poetas portugueses que viveram parte da sua vida em Moçambique. Apesar de tudo, a colectânea constitui um valioso instrumento de divulgação da arte e cultura moçambicanas. Citaremos alguns extractos do estudo sobre a poesia moçambicana que acompanha a colectânea e assinado por RAINER ARNOLD:

«A literatura de Moçambique, e muito especialmente a lírica que fez a união entre a forma versificada e a literatura oral, tem profundas raízes e firmes alicerces não só nas tradições literário-culturais dos povos africanos deste país, como na literatura popular, transmitida oralmente e muitíssimo rica embora até há poucos anos imperdoavelmente abandonada. Este factor, intimamente ligado ao despertar da consciência africana e ao surgir do pensamento anticolonial, ganha como natural um significado que há muito se vinha desenvolvendo; a sua preservação e o desenvolvimento futuro do seu espírito criador fazem parte dos mais importantes objectivos político-culturais do governo da FRELIMO.

Deste modo, o desenvolvimento da poesia moçambicana entreteceu não apenas duas tradições literárias em si estranhas por princípio; uma interpretação e definição de tal modo sincréticas ficariam pela superfície. Nela encontramos por certo uma permanente luta de «branco» e «preto», de tradições europeias africanas, de ideias e estruturas delas derivadas. Mas aquelas ideias, emoções e formas não têm intenções ráticas e não estão ligadas a uma determinada cor de pele. Por isso o processo da evolução e desenvolvimento da literatura moçambicana completa-se com uma busca

por aquilo que é comum e evidente específico duma tal literatura. Qual quer tradução óbvia ou até imitação das tradições literárias portuguesas, que também possam surgir separadamente por si mesma do processo literário moçambicano. Aliás a singularidade da literatura de Moçambique não surge durante o período do após guerra em sequer com o izar da bandeira nacional ou até nacionalista. Uma análise retrospectiva do desenvolvimento da lírica, por exemplo, embora o mesmo se encontre na prosa — torna evidente que o seu carácter específico consiste no frequente conflito poético com a realidade da sociedade moçambicana; os problemas desta são os seus problemas. Isto conduz dum modo bem definido a uma forte predominância da lírica de ideias. Isto culmina nos anos 60 e 70 com a lírica programada político-social e nos cânticos combatentes da FRELIMO.

De certo que as reacções poéticas recaem sobre a realidade colonial de Moçambique, como é natural, de modos muito diversos e no conjunto, tal como na formação de poetas isolados, completam-se processos ricos de conflitos e por vezes dolorosos duma procura de si mesmos e de identificação com a luta do Partido. As exteriorizações deste processo são também por sua vez interessantes sob o ponto de vista histórico-literário, talvez até

essenciais quando tornem explícito que o seu criador nem sempre conseguiu levá-lo até ao fim de modo consequente e progressista.

Os mais eminentes poetas moçambicanos, José Craveirinha, Rui Nogar, Bernabé João Mutimati e também Orlando Mendes, para não falar em Kallungano (Marcelino dos Santos), Armando Guebuza, Jorge Rebelo e outros, que simultaneamente são personalidades da direcção da FRELIMO, encontraram o seu caminho do lado do progresso social, na luta de libertação anticolonial e nacional embora por meios totalmente diversos.

Os primeiros trabalhos literários e também líricos, apareceram em Moçambique no Jornal «VOZ AFRICANA», fundado no século vinte por João Albasini e Estácio Dias. O acima citado poeta Rui de Noronha alcançou nesse tempo uma importância destacada, poeta cuja vida e obra simbolizam os aspectos trágicos da génese da literatura moçambicana.

Rui Noronha era uma pessoa infeliz. Infeliz devido à sua vida híbrida como homem de cultura e educação numa sociedade determinadamente colonial onde nada tinha valor além do sucesso, riqueza, poder e falta de escrúpulos; infeliz devido à situação indefinida e ao carácter dúbio da situação histórica da sua terra entre as

guerras mundiais, que não eram um «país» no sentido de Estado, nem uma «Província» como verdadeira parte duma nação, mas sim uma colónia, uma «Província Ultramar», uma terra que não era europeia mas que não tinha autorização para ser africana. Rui de Noronha, nascido em 1909, não foi o único que nesse tempo assim se sentiu quer em Moçambique, quer noutras partes de África e, como muitos outros, despedaçou-se sob o peso da realidade irracional para a sua compreensão. No seu tempo não se vislumbrava ainda qualquer solução histórica viável para os seus problemas e não é por acaso que na obra deste poeta de delicados sentimentos e basicamente ligado ao povo, pois que com ele sentia, não surge nunca a palavra «povo», enquanto este termo ganha uma posição eminentemente significativa na poesia do movimento de libertação nacional como sendo a essência daquilo que a revolução representa e também o seu objectivo. É certo que frequentemente perpassa a sua obra uma certa ansia pelo futuro em ocasiões em que parece dominar a melancolia («Levanta-te e caminha»). Rui de Noronha pôs ele mesmo termo à sua vida em 1943. Não é sem razão

que se compara a sua vida, o seu grande talento literário e o seu trágico fracasso com o destino do eminente poeta malgaxe Jean-Joseph Rabéarivelo (1901-1937), um contemporâneo de Noronha».

José Craveirinha, de acordo com o estudo, pertence a uma outra geração aquela que já viu a alvorada da libertação. **«A sua consciência poética, embora tal como no caso de Noronha, se tenha adestrado em formas psicológicas individuais trabalha, sob o ponto de vista pessoal nas perguntas do seu tempo, perguntas de uma época concreta e de uma sociedade concreta».**

«As profundas contradições sociais em Moçambique, com pompa e brilho nalgumas poucas metrópoles citadinas, sobretudo Lourenço Marques (hoje Maputo) e Beira, por um lado, e por outro uma indescritível miséria, pobreza e atraso no campo e nos bairros negros das cidades, provocaram um sentimento de crítica social que se manifesta na sua poesia. Para o fazer Craveirinha não se fica pelas generalidades, mas encontra frequentemente no grotesco e no repugnante, condensações essenciais de figuras e destinos com um carácter individual e pessoal, a resolução dos conflitos vai desaguar na elogia.

«O estilo de Craveirinha (tido como trocista mordaz e crítico feroz) convoca um irradiante calor de sentimento pelos oprimidos, por aqueles que estão afastados do seu destino».

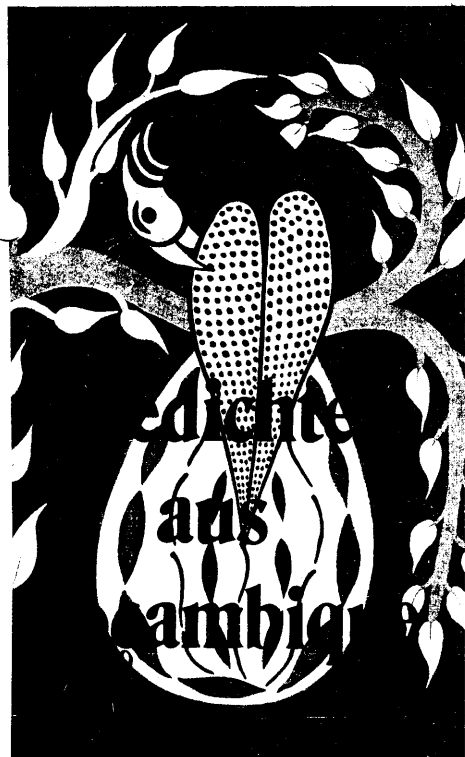
«Sob todos aspectos, o aparecimento mais notável e significativo da poesia moçambicana é Marcelino dos Santos, que frequentemente se serviu do pseudónimo Kalungano.

Marcelino dos Santos é um poeta simultaneamente vigoroso, profundo, delicado e sensível. Ele é também aquele em cujos poemas e canções a herança africana mais criadoramente é registada. Isso está patente no modo simbólico como o pensamento é conduzido, na precisão da confrontação analogisante do significado de palavras e pares de palavras fundamentais, no ritmo e também em parte nas canções, que, na sua simplicidade nos lembram os cânticos arcaicos da cultura africana. Ao mesmo tempo, a lírica de Marcelino dos Santos está impregnada da maior clareza racional e da mais forte consequência lógica de pensamento.

Uma nova manifestação da criação literária em Moçambique e também no exílio e que acompanha a retomada duma oposição consciente e organizada contra o domínio colonial português através da FRELIMO, é o aparecimento de poemas e canções anónimos, uma espécie de poesia de consumo no sentido mais nobre do termo. Debaixo das condições incrivelmente difíceis e complexas duma luta armada frente a um adversário de início mil vezes superior, no exílio, em marcha através da floresta tropical e da savana, ninguém perguntava quem escrevera uma canção. Mas ela era utilizada, cantada, lida em voz alta, passada a outros. Muitas destas poesias anónimas foram divulgadas pela FRELIMO em jornais e folhas volantes, muitas delas permaneceram desconhecidas do mundo exterior.

Directamente ligada a esta literatura e em parte dela nascida, está a nova geração de poetas de Moçambique. Armando Guebuza, Jorge Rebelo, Fernando Ganhão e Sérgio Vieira são os bem conhecidos pertencentes a esta nova geração, eram e são eminentes dirigentes do jovem estado moçambicano. Desde a independência a criatividade poética do Povo moçambicano que tem raízes profundas (como é o caso em muitos outros países africanos) manifesta-se na reacção literária espontânea a factos e acontecimentos actuais à qual os jornais e revistas proporcionam de bom grado publicidade. «O verme importuno» é disso um exemplo bem recente que se refere evidentemente à agressão da Rodésia contra Moçambique.

Quantas vezes aparece a palavra «povo», quantas vezes a palavra «liberdade» nestes, poemas? Mas a libertação nacional, toda a época da sua obtenção, significa para o Povo moçambicano não simplesmente uma troca de poderes, a retirada dos portugueses, a proclamação dum novo estado ou outras proclamações: ela é um abalo profundo, o rompimento duma forte barragem que liberta totalmente a abundância das águas contidas. Este sentimento básico do início duma nova época, antecipado pelos poetas talvez com excesso de nitidez, à mentalidade de ressurgimento, da força, da autodeterminação, dá à maioria dos novos poemas uma tonalidade inconfundível.»



Arranjo gráfico da capa da colectânea de poesia moçambicana editada na RDA